

O que somos? Leitura Heideggeriana do trabalho de Ricardo Guerreiro Campos

*What are we? Heideggerian lecture of Ricardo
Guerreiro Campos's Work*

PEDRO MIGUEL SANTOS SILVA*

Artigo completo submetido a 26 de Janeiro de 2017 e aprovado a 5 de Janeiro de 2017.

*Portugal, artista plástico. Licenciatura em Investigação Social Aplicada, Universidade Moderna Lisboa (UM), Licenciatura em Artes Plásticas, Faculdade de Belas Artes Porto (FBAUP).

AFILIAÇÃO: Universidade de Vigo (UV), Facultad de Belas Artes de Pontevedra; Departamento de Escultura. Grupo de Investigación H07 — La dimensión escultórica de las prácticas artísticas. Rúa da Maestranza, 2, 36002 Pontevedra, Espanha. E-mail: pmiguelsantossilva@gmail.com

Resumo: Diante da questão primordial — o que somos? — o propósito deste trabalho é expor algumas das estruturas que fundamentam o ser humano a partir da obra “Ser e Tempo” (1927) de Heidegger — nomeadamente a existência autêntica, inautêntica e a morte —, e cruzá-las com a temática da Identidade que norteia o trabalho artístico de Ricardo Guerreiro Campos a fim de potenciar novas perspectivas de leitura da sua produção artística.

Palavras chave: Heidegger / Ricardo Guerreiro Campos / vida autêntica e inautêntica / identidade / morte.

Abstract: Facing our primordial question — what are we? — the aim of this work is to expose some of the structures that support the human being starting from the lecture “Being and Time” (1927) written by Heidegger — namely the authentic and inauthentic existence and death — and comparing it with the theme of Identity that guides Ricardo Guerreiro Campos’s artistic work in order to emphasize new reading perspectives of his artistic production.

Keywords: Heidegger / Ricardo Guerreiro Campos / authentic and inauthentic life / identity / death.

Contextualização

Qual é o maior perigo que ameaça o Homem contemporâneo? A resposta filosófica que Martin Heidegger (1889-1976) dá a esta questão, em “Ser e Tempo” (original de 1927), continua actual: esse perigo advém de um desinteresse por parte dos seres humanos em se interrogarem acerca do sentido da sua própria existência, pelo que a pergunta primordial — o que é ser? — perde relevância e cai no esquecimento.

Para Heidegger, o Homem apresenta-se como o único ente capaz de questionar o fundamento da sua existência e, desta forma, cabe-lhe a tarefa de se interrogar sobre o que é ser.

O homem apresenta-se, pois, como possibilidade de se ir construindo na sua correspondência com o mundo e com os outros. A liberdade, que distingue o ser humano dos restantes entes, é uma abertura constante ao mundo que o rodeia. O Homem é, pois um “ser-no-mundo” (Heidegger, 2008). E a sua liberdade, sendo decisiva, prevê uma responsabilidade, igualmente, decisiva e para as quais o Homem não se encontra, na sua generalidade, preparado.

O indivíduo contemporâneo tende a alhear-se do real, evitando o confronto consigo mesmo, com os outros e com o mundo, esquivando-se a aceder à autenticidade da sua existência, pois uma existência autêntica implica reconhecer que o Homem é um ser que tem no seu horizonte a morte. Por este facto, os entes humanos tendem a adoptar uma atitude evasiva, entregando-se a referências parciais que calam o apelo do ser em se manifestar. Salvo raras excepções, o Homem contemporâneo tem uma existência banal, por não procurar confrontar-se com a questão do sentido da sua vida. Vive, assim, aquilo a que Heidegger chama de existência inautêntica.

O que é que pode salvar o Homem de uma vida inautêntica? A resposta de Heidegger é que o Homem deve regressar ao seu fundamento, deve, pois, abrir-se à escuta do Ser, que o apela a ser si mesmo, i.e., a aceitar expressar e realizar todas as suas possibilidades de ser, que em última instância se completam na morte.

Ora, salientando um conjunto de estruturas existenciais que fundamentam o ser humano — a vida autêntica, vida inautêntica e morte — estamos em condições de fazer uma leitura de uma selecção de trabalhos artísticos de Ricardo Guerreiro Campos a partir destes referenciais.

1. Leitura Heideggeriana do trabalho de Ricardo Guerreiro Campos

O artista português Ricardo Guerreiro Campos é, segundo o colectivo de criatividade *Matéria Negra* (<https://materianegra.net/2016/11/24/10-artistas-nacionais-a-ter-em-conta/> consult. a 24 Out. 2016), um dos 10 artistas portugueses

a ter em consideração. A sua produção artística é diversificada, deambulando pela pintura, desenho, fotografia, performance, vídeo, cenografia e a representação teatral. O seu enfoque temático centra-se na reflexão sobre a Identidade, mais concretamente no arrastar do ser humano por uma existência anónima, sem referenciais, mas que, no seu desassossego se inquieta e procura, de algum modo, (re)encontrar-se através do silêncio e da solidão.

Este universo conceptual de Ricardo G. Campos aproxima-se daquilo a que Heidegger denomina de *existência inautêntica*, situação original do ser humano. O Homem parte de uma identidade difusa e indiferenciada, imbuída no impessoal e cabe-lhe a tarefa de se abrir à interpelação do seu ser a fim de ganhar consciência de si próprio e, assim, assumir a responsabilidade de existir autenticamente. Esta abertura à interpelação acontece quando o ser humano ouve o apelo da sua consciência. Daí que o recolhimento na solidão para habitar o silêncio (conceitos do universo do artista) seja fundamental para que o ser humano se possa realizar.

Porém, a necessidade de recolhimento não surge quando o Homem está imbuído na banalidade do quotidiano, mas somente quando toma consciência (é também um dos predicados existenciais com que Heidegger caracteriza o ser humano) de que viver é ir morrendo, o que merecerá uma análise mais detalhada à frente.

1.1 A anulação de identidades

Numa primeira fase (2012-2015) a obra foca-se na *anulação de identidades*. Em termos processuais, os trabalhos eram, normalmente, ancorados em acções performativas encenadas e fotografadas, passando, posteriormente, uma selecção para o registo gráfico do desenho e da pintura a óleo (Figura 1).

Estas encenações recebiam uma forte exposição à luminosidade, a fim de ser criado um efeito de supressão de referenciais, fundindo as figuras representadas com o espaço envolvente, como se esta fusão anulasse as suas identidades, fazendo-as residir num mundo amorfo e indeterminado.

O branco assumia, então, não só uma funcionalidade cénica de dissolução da imagem, mas também conceptual do trabalho de Ricardo G. Campos, conforme o próprio anotou: “[o branco] está assim no cerne de um projecto que pretende humanizar e universalizar a Existência através da anulação das identidades das figuras” (Campos, 2013).

Também a este propósito, Jorge Silva Melo aponta o trabalho do artista como que situado



Figura 1 · Fotografia de Ricardo Guerreiro Campos, *Prólogo*, óleo s/ tela, (89 x 130) cm, 2013.

Figura 2 · Fotografia de Ricardo Guerreiro Campos, *O Silêncio* óleo s/ tela, (90 x 150) cm, 2013.

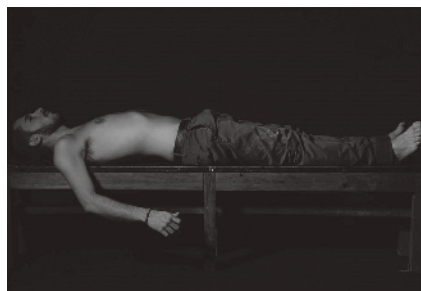


Figura 3 · Fotografia de Ricardo Guerreiro Campos, O tempo em que o silêncio se desfaz. Impressão jacto de tinta s/ papel algodão, 35 x 50 cm. Exposição Arquivo Fotográfico Municipal, Lisboa, 2014

Figura 4 · Fotografia de Ricardo Guerreiro Campos, Espaço Vazio, Instalação. Exposição SILÊNCIO, Galeria Branca, AMAC, Barreiro, 2016

Figura 5 · Fotografia de Ricardo Guerreiro Campos, Pormenor da instalação Espaço Vazio. Carvão vegetal s/ madeira, 150 x 10 x 2,2 cm. Exposição SILÊNCIO, Galeria Branca, AMAC, Barreiro, 2016

nos limites da luz, raiando o branco, dissolvendo-se (...). São corpos que voltejam, transitórios, bailarinos. (...) Caindo, debatendo-se no espaço branco, liso, tombando, perdendo o chão tão lenta, demoradamente (Melo, 2014).

A pintura apresentada na Figura 2, enquadrada ainda na temática da anulação da identidade pela dissolução no branco, abre-nos, contudo, um novo campo interpretativo que se relaciona com a fotografia principal que o Ricardo apresentou na exposição individual no Arquivo Fotográfico Municipal, em Lisboa (2014).

Em ambos os casos (Figura 2 e Figura 3) há uma imagética, ainda que não tenha sido a intenção primeira do artista, que remete para o corpo inactivo, para o findar, enfim, para a estatúria da morte, conforme notou Jorge Silva Melo (2014).

Situamo-nos, pois, no âmbito da análise das estruturas existenciais que caracterizam o Homem, segundo Heidegger, nomeadamente no *ser-para-a-morte*. A existência humana realiza-se efectivando-se nas suas possibilidades de ser, o que levado à sua potência máxima, só se completa na morte (Heidegger, 2008, § 48: 123). A morte é, pois, um dos caracteres constitutivos do Homem, porque define o seu modo de ser e, neste sentido, elucida a sua própria identidade.

Os trabalhos apresentados nas figuras 2 e 3 trazem, pois, o tema da morte para um primeiro plano de reflexão, relacionando-o com a construção da identidade pessoal, como que expondo o espectador diante da sua própria condição de efemeridade, relembrando-o de que existir é desdobrar-se nas suas possibilidades próprias de ser, até ao perecimento. E neste desdobrar-se, o Homem, vai reformulando e redefinindo a sua identidade até que a morte lhe rouba essa possibilidade (Hoffman, 1998: 214).

Assim, é encarando a morte sem escapatória, adoptando-a como uma das características principais da identidade humana (Hoffman, 1998: 218), que o ser humano é remetido para si mesmo, e repensa a sua ipseidade.

No entanto, diante deste fim sempre em processo de concretização, o Homem comum tende a optar pela fuga de si mesmo e cai na inautenticidade, abdicando de reflectir acerca da sua identidade.

1.2 Anulação e reformulação de identidades

Numa fase mais recente, sobretudo a partir da exposição individual SILÊNCIO (2016), na Galeria Branca, AMAC, no Barreiro, o trabalho de Ricardo G. Campos alarga e complexifica a problemática das identidades. Assim, acresce ao tópico inicial da *anulação* (2012-2015), o da *reformulação de identidades*, através de um jogo de *falsas genealogias*. Estas genealogias foram construídas a partir

de um arquivo de imagens antigas da família do artista de diferentes épocas. Este foi seleccionando um conjunto de fragmentos que lhe foram chamando à atenção, especialmente as bocas, de vários desses elementos familiares, independentemente da afinidade parental que tinha com eles. Ao associá-los num mesmo trabalho artístico concedeu uma nova configuração a essas relações, agrupando-as em função do seu interesse estético.

Centremo-nos na instalação Espaço Vazio (Figura 4), porque é ela que mais concorre para um cruzamento produtivo com a análise das estruturas fundamentais da existência humana que temos vindo a tratar. Se na *anulação de identidades* a performance providenciava um figurino de seres humanos vagueando na inautenticidade, sem referencial, fragmentados por uma sobreexposição do branco e transpostos, directamente, para a representação pictórica, agora a fragmentação ocorre no espaço expositivo onde as obras (estruturas de madeira com apontamentos de figuras a carvão) são exibidas e provém de uma conveniência lúdica e cénica que procura instigar o espectador.

Esta nova fragmentação das identidades resulta de uma necessidade menos demonstrativa da exposição do trabalho do artista (2012-2015), e assume-se mais intrincada e provocadora. Cabe ao espectador procurar os referenciais já não isoladamente no interior de cada imagem, mas no contexto expositivo onde estas se instalam.

Agora, o próprio espectador passa a ser figurino, junto com os outros retratados no interior da obra, em busca de referenciais que lhe confirmem um lugar onde possa ser ele mesmo, *autêntico*, na sua identidade. No meio de uma genealogia de falsas identidades também lhe cabe questionar sobre o que é ser, se será uno ou existirão várias identidades dentro de si?. Enfim, anda pois, à procura daquilo que o constitui como ser único enquanto observa outros fragmentos identitários, mormente bocas (Figura 5), esse lugar de cortejo e de expressão íntima da identidade de cada um e que o artista quis pôr em evidência.-

Também aqui se expõe outra estrutura fundamental constitutiva do ser do Homem apresentada por Heidegger. O Homem ao afigurar-se como ser-no-mundo assume-se igualmente como *ser-com-os-outros*, compartilhando o mesmo contexto. O ser humano existe, pois, projectando-se nas relações. Assim, o espectador é convocado para relacionar fragmentos e encontrar afinidades e nisto cria, também ele, novas genealogias identitárias. Todavia, fá-lo num desafio silencioso, porque as bocas retratadas suspendem qualquer discurso, não lhe comunicam de onde vêm, nem que afinidades parentais as une. Este silêncio ressalta o desencontro e fazem o espectador viver a sua solidão (César, 2016). O espectador está, pois, envolto de outros, mas vivendo desamparado. E

o maior desamparo chegar-lhe-á com a morte, assim dirá Heidegger (2008). No âmago da existência, no corolário da completude humana está, pois, a morte e esta vive-se sem participação, sem quinhão, no desamparo. Como refere Hoffman (1998: 217), analisando a filosofia heideggeriana, *a morte individualiza-me* porque é inevitavelmente minha, vivida exclusivamente na primeira pessoa (Hoffman, 1998: 215).

Não obstante, este silêncio exterior potencia a escuta de um grito interior do ser do Homem que se quer manifestar com o intuito de fazê-lo viver na sua verdade, i.e., autenticamente (cf. Heidegger, 2008, § 55: 349s).

Quando questionámos o artista acerca desta instalação, ficou evidente que a apresentação das estruturas de madeira no espaço adquire um pendor tumular, aludindo às tabuletas artesanais dos cemitérios. “Há ali corpos imobilizados semelhantes à estatuária fúnebre” (entrevista a Ricardo G. Campos, 16 de Janeiro de 2017, não publicada).

Há pois, um fio condutor da estatuária fúnebre que vem desde os seus primeiros trabalhos (Figura 2) até à actualidade, que não sendo central, nem o artista o declara como propositado, é transversal à sua produção artística.

Por conseguinte, defendemos que o modo como o Ricardo G. Campos tem abordado a questão da identidade, enquanto fragmentação e dissolução no indiferenciado, tem fortes relações com o pensamento heideggeriano a respeito fuga do Homem para a banalidade do quotidiano, para a vida inautêntica, por oposição a uma existência consciente de si mesma, identitária, que só pode, verdadeiramente, sê-la, quando reconhece que a morte é a concretização última do seu viver. “A morte totaliza-me, pois através da morte a minha identidade de completar-se-á” (Hoffman, 1998: 217).

Conclusão

É num contexto de anonimato, onde o Homem se arrasta na existência, mas procurando-se (re)encontrar-se, através da solidão e do silêncio, que procurámos situar o trabalho artístico de Ricardo Guerreiro Campos e fazer pontos de contacto com a análise da existência humana do filósofo Heidegger. Sabemos que enquanto o ser humano estiver vivo a sua identidade não é assunto encerrado (Hoffman, 1998: 214), pois só se completa através da morte (Hoffman, 1998: 217). No entanto, viver não é o mesmo que existir autenticamente, i.e., cumprindo a sua realização de ser si mesmo. Habitar o impessoal é esquecer a sua identidade, uma vez que ninguém pode ser si mesmo quando se desconhece. É, pois, na morte, que o Homem pode despertar e aceder à vida autêntica e aí viver a sua identidade. É este o fio condutor implícito que marca o trabalho de

Ricardo G. Campos e que intercepta a análise do ser humano conforme pensado por Heidegger — um questionamento de si mesmo a partir da morte enquanto construtor da autêntica Identidade.

Referências

- Campos, G. Ricardo (2013), *A Apologia do Branco*, [trabalho final de Composição II, orientação de Manuel Botelho, FBAUL, 2013] — [documento facultado pelo artista Ricardo G. Campos]
- César, Andreia (curadoria), (2016), *Silêncio*, [folha de sala da exposição], Galeria Branca, AMAC, Barreiro, 2016
- Heidegger, Martin (2008), *Ser e Tempo*. (3ª ed.), Petrópolis: Editora Vozes
- Hoffman, Piotr (1998), “A Morte, o Tempo e a História: II Parte de O Ser e o Tempo”,

pp. 213-231, in Guignon, Charles (dir.), (1998), *Poliedro Heidegger*, Lisboa: Instituto Piaget

Matéria Negra (colectivo), (2016), 10 artistas nacionais a ter em conta, in <https://materianegra.net/2016/11/24/10-artistas-nacionais-a-ter-em-conta/> [consult. 24 Out. 2016]

Melo, Jorge Silva (2014), *O tempo que em silêncio se desfez*, [folha de Sala da exposição], Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, 2014 — [documento facultado pelo artista Ricardo G. Campos]